

# OS PRESSUPOSTOS ÁCRATAS DE ÉLISÉE RECLUS

**THE ANARCHIST ASSUMPTIONS OF ÉLISÉE RECLUS.**

**LES PRINCIPES ANARCHISTES D'ÉLISÉE RECLUS**

## RESUMO

O geógrafo anarquista francês Élisée Reclus (1830 - 1905) foi muito influente no debate sobre os fundamentos do pensamento ácrata nas duas últimas décadas do século XIX. Suas reflexões sobre o anarquismo, bem como sua fidelidade aos pressupostos deste pensamento, marcaram substancialmente sua obra. Com objetivo principal de analisar os pressupostos ácratas de Reclus, o presente texto consiste na identificação, análise e contextualização dos principais pressupostos ácratas que sustentam e caracterizam seu pensamento. A pesquisa, desenvolvida junto ao Institut de Géographie de Paris, entre 2019 e 2020, buscou primeiramente identificar na vasta obra de Élisée Reclus, quais textos eram voltados ao debate dos fundamentos do anarquismo. Em um segundo momento, nos dedicamos à análise dos textos selecionados para analisar os pressupostos ácratas, relacionados à compreensão do conceito de *Evolução* defendido por Reclus para, posteriormente, realizar o cruzamento destas informações com o momento político-social vivenciado pelo intelectual, com o intuito de melhor compreender seu pensamento.

**Palavras-chave:** Élisée Reclus, pressupostos ácratas, anarquismo, evolução, moral.

## ABSTRACT

French anarchist geographer Élisée Reclus (1830 - 1905) was very influential in the theoretical debate about the foundations of anarchism in the last two decades of the 19th century. His reflections about the anarchism and his fidelity to the assumptions of this political theory marked his work substantially. With the main objective to analyse the assumptions of Élisée Reclus, the present text consists in the identification, analysis and contextualization of the main anarchist assumptions that support and characterize his thinking. The research, developed with the Institut de Géographie de Paris, between 2019 and 2020, sought first to identify in Élisée Reclus's vast work which texts were aimed at the debate on the foundations of anarchism. In a second step, we dedicate ourselves to the analysis of the selected texts to understand the anarchist assumptions related to the understanding of the concept of *Evolution* defended by Reclus, to later cross-check this information with the political and social moment experienced by the intellectual, in order to better understand your thinking.

**Keywords:** Élisée Reclus, anarchist assumptions, anarchism, evolution, moral.

## RÉSUMÉ

Le géographe anarchiste français Élisée Reclus (1830 - 1905) a été très influent dans le débat sur les fondements de la pensée anarchiste au cours des deux dernières décennies du XIXe siècle. Ses réflexions sur l'anarchisme, ainsi que sa fidélité aux principes de cette pensée, ont marqué son œuvre de manière substantielle. Dans le but principal d'analyser principes anarchistes de Reclus, ce texte consiste à identifier, analyser et contextualiser les principales principes anarchistes qui soutiennent et caractérisent sa pensée. La recherche, menée avec l'Institut de Géographie de Paris, entre 2019 et 2020, a d'abord cherché à identifier dans le vaste œuvre d'Élisée Reclus quels textes étaient destinés au débat sur les fondements de l'anarchisme. Dans un second temps, nous nous consacrons à l'analyse des textes sélectionnés pour comprendre les hypothèses anarchistes à la compréhension du concept d'*Evolution* défendu par Reclus, pour recouper ensuite ces informations avec le moment politico-social vécu par l'intellectuel, afin de mieux comprendre votre pensée.

**Mots-clés:** Élisée Reclus, principes anarchistes, anarchisme, évolution, moral.

## Introdução

Entender o pensamento de Jean Jacques Élisée Reclus (1830 – 1905) exige que, além de situar suas ideias no tempo e no espaço, ressaltemos o fato deste intelectual/militante ter sido um geógrafo extremamente fiel aos princípios ácratas, bem como muito distinto dos geógrafos acadêmicos no período compreendido entre a segunda metade o final do século XIX, e primeiros anos do século XX. Enquanto os acadêmicos, além pesquisar, deveriam também estar comprometidos com a docência e com o cumprimento das normatizações das instituições universitárias, impostas pelo Estado francês, o foco de Reclus era produzir um conhecimento que estivesse sempre ancorado nos princípios ácratas – ou seja, pensar/produzir uma ciência voltada à compreensão das relações sociais existentes no mundo com vistas à transformação social e à emancipação dos indivíduos por vias libertárias – além, é claro, de participar ativamente de mobilizações contra o poder constituído na Europa, sobretudo no território francês. Neste sentido, para além da produção e divulgação do conhecimento geográfico, Reclus buscou refletir sobre as origens e os fundamentos ácratas, ou seja, compreender os princípios que fundamentaram o anarquismo. Chegou, inclusive, a pesquisar sobre a história dos primeiros grupos com práticas ácratas da humanidade, descobrindo que práticas sociais classificadas como anarquistas surgiram muito antes do pensamento ácrata ser identificado na literatura, contrariando o que afirmaram alguns teóricos. Para Reclus, as práticas ácratas são tão antigas quanto a própria humanidade, pois, desde a pré-história existem grupos ou tribos, vivendo sem a gestão de um senhor, entendido por ele como necessariamente um conservador, defensor da moral.

Embora por toda a vida e a obra de Élisée Reclus, composta por aproximadamente 32 mil páginas, seja possível identificar elementos do pensamento ácrata, em algumas obras específicas, dedicadas exclusivamente ao debate dos fundamentos do anarquismo, as premissas que norteiam seu pensamento estão mais evidentes, a exemplo dos textos *L'Anarchie*, escrito em 1884, *Pourquoi sommes-nous anarchistes?*, escrito em 1889, *L'Évolution, la Révolution et l'Idéal anarchique*, escrito em 1898 e *L'Anarchie et l'Église*, escrito em 1900 entre outros analisados neste trabalho.

Por conseguinte, o objetivo deste artigo é identificar e analisar os principais pressupostos ácratas que constituíram a base do pensamento de Élisée Reclus. Para isso, pesquisamos em seus escritos originais, arquivados na Bibliothèque Nationale de France e no Musée Social, em Paris, para, primeiramente identificar quais de suas obras são destinadas ao debate dos fundamentos do anarquismo. A segunda etapa da pesquisa consistiu na leitura e análise destas obras, com foco na identificação de suas premissas e objetivos. Posteriormente, realizamos o cruzamento destas informações com momentos profissionais e pessoais vivenciados por Reclus, com o intuito de contextualizar suas afirmações e aprofundar a compreensão de seus pressupostos.

## O debate sobre o conceito de evolução

Entre as principais categorias que sustentam o pensamento de Élisée Reclus, *Evolução* é uma das mais importantes. Esta categoria aparece, mesmo que citada rapidamente, na maior parte de seus escritos, do início dos anos 1860 até em seus últimos textos, escritos no início do século XX. Também nas passagens biográficas de Reclus, é possível identificar que sua ação política também se desenvolveu em prol do que ele entendia por *Evolução*, ou seja, o movimento de tudo aquilo que existe no mundo, material ou imaterial. Esta compreensão demonstra a contraposição de Reclus em relação à teoria darwiniana, de 1859, porque para o geógrafo anarquista a evolução é uma dinâmica, sobretudo social, não apenas biológica, que deve ser entendida/analisaada sempre no tempo e no espaço (RECLUS, 1902). E, para o desenvolvimento mais preciso desta compreensão, Reclus escreveu o famoso texto intitulado *L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique*, escrito, também, para refutar/contrapor

entendimento equivocados, tanto de acadêmicos, quanto de pessoas do senso comum, que compreendiam os conceitos de *Evolução* e *Revolução* como sinônimos, ou então entendiam o primeiro como um sinônimo de boa realização, e o segundo, como sinônimo de perturbação, desordem e violência. No texto, Reclus afirma que se criou uma dicotomia entre os conceitos de *Evolução* e *Revolução*, na qual o primeiro é, erroneamente, compreendido como algo sempre bom, como desenvolvimento, enquanto o segundo é incorretamente definido como retrocesso. Entretanto, para Reclus, os dois conceitos não possuem sentidos contrários, não são contrastantes ou dicotômicos, em suas palavras: “podemos dizer (...) que *Evolução* e *Revolução* são atos sucessivos de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução, e revolução precedendo uma nova evolução, mãe de revoluções futuras.” (RECLUS, 1902, p. 4 – grifos nosso).

Com efeito, a evolução abarca o conjunto de aspectos humanos, e a revolução também deve abarca-lo, mesmo que nem sempre haja paralelismo evidente nos acontecimentos parciais aos quais se compõe o conjunto da vida das sociedades. Todos os progressos são solidários, e desejamos a todos na medida de nossos conhecimentos e de nossa força: progressos sociais, políticos, morais, materiais, científicos, artísticos ou industriais. Evolucionistas em todas as coisas, somos igualmente revolucionários em tudo, sabedores de que a própria história outra coisa não é senão uma série de realizações, sucedendo à das preparações. A grande evolução intelectual, que emancipa o espírito, tem por consequência lógica a emancipação, na verdade, dos indivíduos e das suas relações com outros indivíduos.

Percebe-se, portanto, que *Evolução* e *Revolução* compõem um movimento dialético utilizado por Reclus para a compreensão da dinâmica social do espaço. Além disso, transportando este entendimento acadêmico para a ação social, praticar o anarquismo é combater toda e qualquer forma de gestão, governo, Estado ou qualquer outra forma de poder constituído, tendo em vista que estes são as bases para a manutenção da sociedade como está posta, cerceando os fundamentos da evolução e, sobretudo, da revolução.

Ainda sobre o debate sobre evolução no pensamento ácrata de Reclus, um dos princípios fundantes é a premissa de que o homem não nasce nem mau, nem bom, nem neutro; mas possui facilidades, ou aptidões, que o meio desenvolve e confere sentido (PELLETIR, 2011, p. 17). Portanto, a organização da sociedade, imposta pelo poder dominante, cria regras, normatizações e costumes (advindo também dos princípios religiosos), que visam moldar o indivíduo para que haja sempre uma “ordem social”, o que contraria os fundamentos anarquistas de evolução e felicidade, como explica Reclus:

Nosso ideal de felicidade não é esse egoísmo cristão do homem que se salva vendo seu próximo perecer e que recusa uma gota de água ao seu inimigo. Nós, os anarquistas que trabalhamos pela completa emancipação do indivíduo, colaboramos dessa maneira com a liberdade de todos, até mesmo dos ricos, quando o aliviaremos de sua riqueza e garantirmos a eles o lucro solidário de cada um de nossos esforços. Nossa vitória pessoal não pode ser concebida sem, ao mesmo tempo, se tornar uma vitória coletiva. Nossa busca pela felicidade não pode ser imaginada senão na felicidade de todos. A sociedade anarquista não é um corpo de privilegiados, mas uma comunidade de iguais (...). (RECLUS, 1900, p. 161)

Para Reclus, poder e religião estão sempre muito próximos e, nesse contexto, a religião seria, também, uma instância do poder constituído imponto e/ou cerceando comportamentos. Portanto, Reclus parte do pressuposto de que quanto mais a igreja crescer, mais atrelada ao poder político estará, afirma ainda que: “o tempo nos mostra que quanto maior a extensão material da igreja, menor será a sua correspondência com a fé” (RECLUS, 1902, p. 33). Mas, afora o pressuposto da negação da religião e de qualquer forma de poder e hierarquia, Reclus defendia, com vistas à evolução e revolução, uma mudança radical na educação, entendida por ele como instrumento dominação e cerceamento da liberdade intelectual da forma como estava posta na passagem do século XIX para o XX. Para ele, no modelo de educação constituído no bojo do desenvolvimento da sociedade capitalista, as pessoas não são educadas para a liberdade e para a emancipação. Educadas a partir de princípios autoritários e cerceadores, quando protestam contra a tirania de um rei, as pessoas exigem um novo rei; quando protestam contra um governo, pedem um novo governo; quando

se manifestam contra a organização do Estado, pedem uma nova organização do Estado. Segundo Reclus (1896), neste modelo de educação, a maior mudança que pode ocorrer é a derrubada de uma monarquia (uma forma de poder) e a instauração de uma república (outra forma de poder). E esse tipo de mudança que, na realidade, mantém o que está posto, segundo Reclus é um erro recorrente, identificado nas ações e nos escritos de muitos revolucionários que não foram educados para a liberdade e emancipação. Portanto, segundo a ótica ácrata de Reclus, os revolucionários não anarquistas da história, na maior parte dos casos, tinham boas intenções, mas “a educação recebida não lhes permitiria imaginar uma sociedade livre funcionando sem governo regular e, assim que derrotaram os odiados senhores, apressaram-se a substituí-los por outros senhores, destinados à fórmula consagrada *fazer a felicidade do seu povo*” (RECLUS, 1896, p. 9 – grifo do autor). Diante desta realidade, “a primeira condição do triunfo é nos libertarmos da ignorância” (RECLUS, 1902, p. 13).

Percebe-se que há no pensamento ácrata de Reclus a primazia por um modelo de educação baseado em experiências sociais transformadoras e libertárias, que seja capaz de alterar as bases da sociedade que está posta. Mas Reclus reconhece que, para isso, é preciso que a população tome consciência da sua situação social, e esse é o papel da militância anarquista (RECLUS, 1902, p. 10). Tal entendimento nos apresenta outro pressuposto ácrata de Reclus: a importância do papel da militância e das ações sociais para a transformação da sociedade que está posta em uma acracia.

Para Reclus, os anarquistas precisam compreender, inclusive, os princípios que sustentam as ideias contrárias às ácratas, e, a partir disso, mostrar às pessoas, em um trabalho de base, diretamente à população, que tais ideias estão equivocadas. Nestas ações, o trabalho conscientização deve partir do esclarecimento sobre as condições sociais da população (RECLUS, 1902, p. 14-15).

A tomada de consciência da população é um pressuposto importante do pensamento ácrata porque cria, necessariamente, um contexto de questionamento do que está posto, gerando uma instabilidade política e social. Segundo Reclus, a quebra da “ordem social” é fundamental porque foi nos períodos mais conturbados da história da humanidade (nos quais houve manifestações e enfretamentos, em que os cidadãos pediam mudanças sociais), que houve os maiores progressos da sociedade.

Jamais qualquer progresso, parcial ou total, realizou-se por simples evolução pacífica. Ele sempre se deu pela revolução repentina. Se o trabalho de preparação ocorre com lentidão nos espíritos, a realização das ideias se dá bruscamente: a evolução ocorre no cérebro e são os braços que fazem a revolução. (RECLUS, 1896, p. 4)

Entretanto, destaca Reclus, os anarquistas precisam atentar-se ao equívoco da substituição de um poder por outro e esclarecer à população sobre esta questão porque a história nos mostra que a instabilidade social sem consciência pode resultar em ascensão autoritária. Para aprofundar sua análise, Reclus chama atenção para o fato de que em períodos de fervor social houve, muitas vezes, o (re)surgimento de ideias/ações de grupos ligados ao poder constituído defendendo a volta da sociedade “organizada” como antes, sobretudo partindo do pensamento legalista/positivista.

Entretanto, Reclus afirma que os riscos devem ser assumidos e os momentos de convulsão social devem ser vividos porque, necessariamente, forcem a reflexão sobre o que está posto, bem como sobre o que a sociedade deverá ser futuramente, tendo em vista que foi a partir de convulsões sociais que se construíram as iniciativas de organizar comunidades anarquistas ao redor do mundo no século XIX. Em suas palavras:

À parte desse grande movimento que gradualmente transforma toda a sociedade na direção do livre pensamento, da moral livre, da livre ação, ou seja, da anarquia em sua essência, existe um trabalho experimental que se manifesta na fundação de colônias libertárias e comunistas, pequenas tentativas que podem ser comparadas aos experimentos de laboratório feitos por químicos e engenheiros. Todos esses testes de modelos comuns têm o defeito de serem realizados fora das condições comuns da vida, ou seja, longe das cidades onde os homens se preparam, onde surgem as ideias, onde o conhecimento é renovado. (RECLUS, 1893, p. 18-19)

Diante da crítica de Reclus às experiências ácratas “isoladas” do mundo capitalista, revela-se outro importante pressuposto ácrata que delinea todo o seu pensamento: os homens só poderão dizer-se e sentir-se iguais e livres quando o grande capital for dizimado. Este pressuposto parte do entendimento de que em um modo de produção ancorado na desigualdade e na acumulação, não há possibilidade concreta de uma sociedade justa, com sujeitos em igualdade. Por conseguinte, não há que falar em respeito às instituições que organizam a sociedade capitalista, tendo em vista que tais instituições não são passíveis de respeito, do ponto de vista da justiça social e da igualdade entre os cidadãos, porque organizam a sociedade que está posta, constituindo-se como uma das bases para a manutenção do *status quo*, ou seja, da dominação de uma classe pela outra. (RECLUS, 1893).

Para Reclus, as instituições que organizam a sociedade capitalista, juntamente com a igreja, criam restrições e dogmas aos quais os cidadãos devem se submeter, sob pena de punição jurídica ou divina, para que a sociedade permaneça como está. Em suas palavras:

É desnecessário dizer que a liberdade absoluta de pensamento, de expressão e de ação é incompatível com a manutenção das instituições que impõem restrições ao livre pensamento, que fixam a expressão na forma de juramento definitivo, irrevogável, e pretendem até mesmo forçar o trabalhador a ficar de braços cruzados e a morrer de fome em respeito à ordem de um proprietário. Os conservadores não estavam errados quando definiram os revolucionários como ‘inimigos da religião, da família e da propriedade’. Sim, porque os anarquistas não aceitam a intervenção dos dogmas e do sobrenatural na vida das pessoas. (RECLUS, 1902, p. 23 – grifo do autor)

Para Reclus (1902, p. 15), a história nos mostra que a obediência às instituições do poder constituído (real, imperial, executivo, legislativo, judiciário, religioso etc.) é, na realidade, uma abdicação da própria liberdade. Além disso, quanto mais enfraquecidos estiverem os poderes político e religioso, por exemplo, maior será a liberdade da população e maiores serão suas chances de desenvolvimento.

## **Pressupostos de uma sociedade ácrata: trabalho, moral e revolução**

O modelo ideal de sociedade para Reclus, o anarquista, está ancorado na mudança radical das relações de trabalho e no desaparecimento da propriedade privada. Sua constituição se dá a partir da apropriação da terra pelos camponeses e das fábricas pelos operários (RECLUS, 1880, 1893 e 1902). Para Reclus, apenas a anarquia seria capaz de organizar uma sociedade mais justa, baseada em novas relações sociais, ou novo espírito, como prefere denominar (RECLUS, 1896). De acordo com este pressuposto, uma sociedade ácrata deve estar ancorada na terra como um bem comum, destinada ao trabalho dos que nela pretendem cultivar, em prol do abastecimento alimentar da população, e nas fábricas, nas quais não haveria mais a necessidade de capitalistas autoritários se autoproclamando senhores do trabalho e da vida dos trabalhadores, mas trabalhadores livres, conscientes das suas funções sociais em prol do bem comum, recebendo a justa remuneração pelo que produziu. Nas palavras de Reclus:

É no sentido inverso do trabalho que são distribuídos os produtos do trabalho. O ocioso tem todos os direitos, inclusive o de esfomear seu semelhante, enquanto o trabalhador nem sempre tem o direito de morrer de fome em silêncio: colocam-no na prisão quando é culpado de greve. (RECLUS, 1889, p. 2)

Para Reclus, os anarquistas têm princípios firmes e inegociáveis, como a luta contra a exploração do trabalho bem como o combate a toda e qualquer forma de poder. Em suas palavras: “somos revolucionários porque queremos a justiça e porque em toda parte vemos a injustiça reinar a nossa volta” (RECLUS, 1889, p. 2) e, “é a luta contra todo poder oficial que nos distingue essencialmente; cada individualidade parece-nos ser o centro do universo, e cada uma tem os mesmos direitos a seu desenvolvimento integral, sem intervenção de um poder que a dirige, repreende ou castiga”. (RECLUS, 1896, p. 11)

Partindo dessas premissas, para os anarquistas, qualquer negociação, ou fase de transição, visando a construção de outra sociedade é ineficaz porque apenas irá prolongar a dominação e/ou fornecerá mais tempo para o poder constituído encontrar mecanismos para se manter. Além disso, os bem-intencionados que chegam ao poder e passam a compor o Estado, por ele serão corrompidos, e serão, portanto, incapazes na promoção de liberdade e harmonia na sociedade. Em suas palavras “certamente, os socialistas que se tornarem senhores irão agir da mesma maneira que seus antecessores, os republicanos: o movimento da história não irá refletir necessariamente suas vontades. Quando tiverem a força, conferida pelo poder, não deixarão de usufruir dela, ainda que seja na ilusão de tornar essa força inútil (...)”. (RECLUS, 1902, 26)

Os anarquistas proclamam, apoiando-se na observação, que o Estado e a tudo que a ele se liga não é uma entidade pura ou uma fórmula filosófica, mas um conjunto de indivíduos colocados em um meio e sofrendo sua influência. Estes, em honraria, e tratamento acima de seus concidadãos, são, por isso mesmo, forçados a se crer superiores às pessoas comuns, e, no entanto, as tentações de toda sorte que os assaltam os fazem desmoronar quase fatalmente abaixo do nível geral. (RECLUS, 1896, p. 10)

A crítica central dos anarquistas aos classificados por eles como *socialistas de Estado* está ancorada no fato de que estes socialistas pregariam, mesmo que indiretamente, manutenção e uso das estruturas estatais para uma inalcançável transformação porque, de acordo com os pressupostos ácratas, uma transformação que se vale de exército, justiça, polícia e delatores nada mais é senão a perpetuação do poder constituído, conforme explica o próprio Reclus na obra *L'Anarchie*, de 1896:

Cuidado com vossos chefes e mandatários! Como vocês, eles certamente estão entusiasmados das mais puras intenções; desejam ardentemente o fim da propriedade privada e do Estado opressor; mas as relações, as novas condições os modificam pouco a pouco; sua moral muda de acordo com seus interesses, e, crendo-se fiéis à causa de seus mandatários, tornam-se infiéis. Detentores do poder, eles também deverão se servir dos instrumentos do poder: exército, moralistas, magistrados, policiais e delatores. (RECLUS, 1896, p. 10)

Percebe-se que, para Reclus, os pressupostos ácratas, sustentados pelo combate a toda e qualquer forma de poder, constituem uma questão moral. Entretanto, é preciso destacar uma moral bastante da oficial: a moral capitalista e cristã. Para Reclus, a moral anarquista possui como alicerce a responsabilidade com o coletivo, enquanto a moral oficial é composta por ordens, às quais devemos obrigatoriamente nos submeter sob pena de punição. Em suas palavras: “a moral oficial consiste em inclinar-se diante de seu superior e manter-se orgulhosamente bem postado diante do seu subordinado” (RECLUS, 1896, p. 12). Já “a moral anarquista é aquela que melhor corresponde à concepção moderna de justiça e de bondade” (RECLUS, 1896, p. 11) porque não tem o temor a Deus e à punição dos homens como seu alicerce. Por conseguinte, na moral cristã, os homens não são cidadãos livres: são fiéis e/ou súditos. Em sociedades ancoradas na moral cristã, portanto, “todas as relações sociais mostram-se relações de superioridade e subordinação” (RECLUS, 1896, p. 11-12). Em outras palavras, são sociedades nas quais a moral é, também, sustentada pelo princípio da autoridade.

O princípio de autoridade – é assim que essa coisa é denominada – exige que o superior jamais transparesça estar errado, e que, em toda conversa, ele terá a última palavra. Mas, sobretudo, é preciso que suas ordens sejam observadas. Isso simplifica tudo: são desnecessários raciocínios, explicações, hesitações, debates, escrúpulos.

Para os anarquistas, portanto, a moral não pode ser algo exterior ao indivíduo. Ela deve compor uma parte do Ser, é produto e produtor da vida em comunidade (RECLUS, 1896, p. 11). Neste sentido, uma verdadeira transformação social para uma sociedade mais justa deve estar ancorada na moral anarquista, que rompe com os fundamentos da moralidade cristã/capitalista, como Reclus esclarece na obra *Pourquoi sommes-nous anarchistes?* de 1889.

Pessoas que se denominam padres tentam nos fazer crer em milagres para que as inteligências estejam subjugadas a eles; pessoas que se denominam reis colocam-se como os selecionados de um Senhor universal para ser um senhor, e, pessoas armadas por eles, cortam, retalham e fuzilam à vontade; pessoas de toga, que se dizem a justiça por excelência, condenam os pobres, absolvem os ricos, vendem condenações e absolvições; comerciantes distribuem veneno ao invés de alimentos, *matam no varejo em vez de matar por atacado* tornando-se capitalistas honrados. Com a carteira cheia de dinheiro, eis o senhor, aquele que possui o poder o destino de outros homens. (RECLUS, 1889, p. 2-3 – grifo do autor)

Afora a crítica à religião e à moral cristã/capitalista, o pensamento ácrata de Reclus parte do pressuposto da promoção do conhecimento científico, entendido como base para a evolução/transformação da sociedade. Reclus esclarece que, diferentemente dos reis, imperadores e membros de igreja, os anarquistas não desacreditam a ciência porque, para os ácratas, todo progresso depende dela, e a transformação de uma sociedade em anarquista também, pois, “se ciência, literatura e arte tornam-se anarquistas, se todo o progresso, toda nova forma da beleza florescer do pensamento livre, esse pensamento atuará também nas profundezas da sociedade (...).” (1896, p. 14-15)

Outro pressuposto importante do pensamento de Reclus, ancorado nos estudos sociológicos do final do século XIX é o de que todo movimento de transformação também promove a resistência, muitas vezes violenta.

Sem dúvida, o movimento de transformação levará à violência e revoluções, mas no mundo de hoje existe algo muito distinto de violência contínua e revolução permanente? E nas alternativas de guerra social, quem serão os responsáveis? Aqueles que proclamam uma era de justiça e igualdade para todos, sem distinção de classes ou indivíduos, ou aqueles que querem manter separações, castigar com ódio e adicionar leis repressivas, aqueles que não sabem resolver questões sociais senão pela infantaria, cavalaria, artilharia? A história nos permite afirmar com certeza que o ódio à política sempre gera ódio, agravando fatalmente a situação geral, ou mesmo causando ruína definitiva. (RECLUS, 1896, p. 23)

Portanto, de acordo com as premissas ácratas de Reclus, apenas uma revolução pautada em princípios ácratas promoverá uma mudança radical nas bases da sociedade, que trará justiça social a todos, e não a manutenção de uma justiça seletiva, aos moldes da que está posta na sociedade cristã/capitalista, como defendiam os positivistas, pois, na avaliação de Reclus (1902, p. 13), os positivistas são teóricos conservadores que pregam o retrocesso na medida em que afirmam que apenas há progresso de houver ordem e respeito às normas da sociedade que está posta. Além disso, os positivistas tratam iniciativas de mudança e transformação social como loucura, desobediência ou crime.

Ainda sobre o contexto de transformação social, outro pressuposto de Reclus se revela: o caráter pacífico de uma sociedade organizada a partir dos princípios ácratas. A este pressuposto, Reclus dedicou ao menos dois textos: *Pourquoi sommes-nous anarchistes?* e *L'Anarchie*. A elaboração destes textos não foi obra do acaso, mas de iniciativas de Reclus visando o esclarecimento da população em relação a informações, difundidas por teóricos e movimentos conservadores entre o final do século XIX e início do XX, que afirmavam que uma sociedade anarquista seria sempre violenta, pois, estaria constantemente em meio a uma revolução, entendida por estes grupos sempre como violenta. Segundo estes grupos, a existência do Estado, ou de alguma forma de poder constituído, é uma condição fundamental para a ordem, ou pacificação, social.

Os dois textos, portanto, respondem às acusações e propagações de ideias caricatas da acracia. Reclus defende que uma sociedade anarquista é, necessariamente, uma sociedade pacífica, pois, em suas palavras “só há alegria senão entre iguais e livres, entre pessoas que podem se divertir como quiserem, por grupos distintos, se isso lhes der prazer, mas próximos uns aos outros, interagindo ao bel-prazer, porque as horas passadas assim são mais doces.” (RECLUS, 1896, p. 19-20)

Reclus também escreveu os dois textos com objetivo de refutar outro discurso bastante difundido nas últimas duas décadas do século XIX que afirmava que o excesso de liberdade é perigoso, e nocivo, ao desenvolvimento da sociedade. Para Élisée, é um mito pensar em ordem como elemento fundamental do progresso. Reclus toma como exemplo as sociedades

persa e grega, esclarecendo que: enquanto a sociedade persa, ordenada e opressiva quase desapareceu, a sociedade grega, republicana e agitada, nos forneceu as bases de quase tudo que temos hoje (Reclus, 1896, p. 17-18). Além disso, a proclamação dos Direitos do Homem e do Cidadão, documento culminante da Revolução Francesa, assinado em 1789, considerado por todos como uma evolução, também ocorreu em um contexto conturbado por pressões sociais (RECLUS, 1889 e 1896).

O último e muito importante pressuposto de Reclus relacionado à transformação da sociedade que está posta em uma sociedade ácrata diz respeito à união/ação entre camponeses e trabalhadores tendo em vista que parte da premissa de que apenas esta união será um elemento fundamental para modificar as bases da sociedade capitalista, porque, os que vivem bem sempre irão defender a manutenção do que está posto (RECLUS, 1880, 1893 e 1902). Em suas palavras: “para o homem saciado, todo mundo jantou bem!” (RECLUS, 1902, p. 3). “É pela apropriação da terra e da fábrica, ponto de partida de uma nova era social, que os trabalhadores de todos os países, reunidos em congresso, pronunciam-se em perfeita concordância.” (RECLUS, 1902, p. 39), pois, (...) “se somos anarquistas, inimigos de todo senhor, somos também comunistas internacionais, compreendemos que a vida é impossível sem agrupamento social. Isolados não podemos nada, enquanto pela união íntima podemos transformar o mundo”. (RECLUS, 1889, p. 6).

## Considerações finais

A ação social contra toda e qualquer forma de coerção e a produção do conhecimento destinado à transformação da sociedade são as marcas da vida e da obra de Élisée e o colocaram, muitas vezes, como um teórico que buscava o contraponto em relação às teorias mais conhecidas do século XIX. Sua compreensão de *Evolução*, por exemplo, se mostrou bastante distinta daquela criada a partir da teoria darwiniana, pois Reclus mostra, tanto aos naturalistas quanto aos republicanos conservadores que evolução e revolução estão em um movimento dialético no qual a base da sociedade deveria estar ancorada. Além disso, os dois termos, de nenhuma maneira, podem ser compreendidos como opostos ou dicotômicos, mas como sucessão.

A luta contra as amarras da moral cristã-capitalista também se constitui como um grande ancoradouro do pensamento de Reclus. O “desenvolvido” trazido pelo capitalismo, baseado na moralidade e nos princípios do cristianismo promovem, na realidade, o cerceamento de direitos e liberdades dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que impõem a eles a aceitação compulsória da injustiça, imposta e por sua vez legitimada por um arranjo político-jurídico materializado em instituições que, pelos pressupostos ácratas, não são passíveis de respeito do ponto de vista social e moral.

O caráter social e libertário de grande parte de suas obras, marcados ainda pela contraposição à propriedade privada, à exploração do trabalho e ao modelo educacional que cria amarras, ao invés de libertar os cidadãos, situaram Reclus como um dos grandes pensadores franceses do século XIX, e não só da geografia ou do anarquismo.

A partir do aporte teórico-metodológico elaborado por Reclus a partir dos pressupostos ácratas, fica evidente, também, a influência da militância anarquista em seu pensamento. Temas como propriedade privada nociva à liberdade, e ao desenvolvimento, e a necessidade de união entre camponeses e trabalhadores urbanos (na qual os camponeses tomariam a terra e os trabalhadores urbanos as máquinas), demonstram como as premissas do anarquismo fundamentaram sua ação social e sua geografia, além de constituírem uma questão moral para Reclus.

Inúmeros trabalhos caracterizaram muito bem a vida e a obra de Élisée Reclus. Alguns destacando até mesmo a impossibilidade de separação entre o Reclus geógrafo e o Reclus anarquista (LACOSTE, 1981, ANDRADE, 1985). Mas ainda sentíamos falta de um texto específico que apontasse os pressupostos ácratas nos quais a vida e a obra deste geógrafo

anarquista estiveram ancoradas porque, a partir da identificação, análise, contextualização e compreensão dos pressupostos ácratas que permearam a vida e o pensamento de Élisée Reclus é possível compreender melhor sua interpretação geográfica-anarquista sobre as relações e contradições do mundo, bem como sua busca por soluções para os problemas do momento em que viveu. É possível, ainda, entender o compromisso social da ciência produzida e defendida por ele, ou seja, o compromisso dos ácratas pelo

“(…) nascimento de uma sociedade na qual não haja mais mestres, nem curadores oficiais da moral pública, nem carcereiros nem carrascos, nem ricos nem pobres, mas irmãos, todos com pão, iguais em direitos, em paz e em união cordial, e não pela obediência às leis, que sempre acompanham ameaças formidáveis, mas através do respeito mútuo pelos interesses e observação científica das leis naturais”. (RECLUS, 1896, p. 7-8)

## Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

BOINO, Paul. **O Pensamento Geográfico de Élisée Reclus**. In: RECLUS, Élisée. Da ação humana na geografia física / Geografia comparada no espaço e no tempo. São Paulo: Editora Imaginário, 2010.

BRUN, Christophe. **Reclus: les grands textes**. Paris: Flammarion, 2014.

CHARDAK, Henriette. **Élisée Reclus: l’homme qui aimait la Terre**. Paris: Éditions Stock, 1997.

FERRETTI, Federico. **Élisée Reclus: pour une géographie nouvelle**. Paris: Editions du CTHS, 2014.

GIBLIN, Béatrice. **Géographie et anarchie: Élisée Reclus**. Hérodote, n° 2, 1976.

\_\_\_\_\_. **Élisée Reclus, 1830-1905**. Hérodote, n°22, 1981.

\_\_\_\_\_. Introduction et choix des textes. In: **RECLUS, Élisée. L’Homme et la Terre**. Paris: François Maspero, 1982.

\_\_\_\_\_. **Élisée Reclus: un géographe d’exception**. Hérodote, n° 117, 2005.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discours de la Servitude Volontaire**. Paris: Mille et une nuits, 1997.

LACOSTE, Yves. **Editorial. Élisée Reclus**. Hérodote, n° 22, 1981.

PELLETIER, Phelippe. Introdução. In: **RECLUS, Élisée. Anarquia pela educação**. São Paulo: Hedra, 2011.

RECLUS, Élisée. **Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan!** Genebra: Imprimerie Jurassienne, 1880.

\_\_\_\_\_. **Pourquoi sommes-nous anarchistes?** Revue Internationale La Société Nouvelle, n° LVI. Paris: Albert Savine, 1889.

\_\_\_\_\_. **À mon frère, le paysan**. Genève: Imp. Des Eaux-Vives, 1893.

\_\_\_\_\_. **L’Anarchie**. Revue Temps Nouveux, n° 2. Paris: Publications Temps Nouveux, 1896.

\_\_\_\_\_. **L’Anarchie et l’Église**. Revue Temps Nouveux, n° 24, vol. III. Paris: Publications Temps Nouveux, 1900.

\_\_\_\_\_. **L’Évolution, la Révolution et l’Idéal Anarchique**. Paris: Stock éditeur, 1902.

VINCENT, Jean-Didier. **Élisée Reclus: géographe, anarchiste, écologiste**. Éditions Robert Laffont: Paris, 2010.

VICENTE MOSQUETE, Maria Teresa. **Eliseo Reclus: la geografía de un anarquista**. Barcelona: Los libros de la frontera, 1983.